



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JANAIZA DIAS DOS SANTOS

**A PRESENÇA DA HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA
QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA RODA DE SÃO GONÇALO DA
COMUNIDADE LAGOA DA PEDRA DE ARRAIAS-TO**

**ARRAIAS – TO
2023**

JANAIZA DIAS DOS SANTOS

**A PRESENÇA DA HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA
QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA RODA DE SÃO GONÇALO DA
COMUNIDADE LAGOA DA PEDRA DE ARRAIAS-TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Tocantins, Campus de Arraias Professor Sérgio Jacintho Leonor, como exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Aline Fagner de Carvalho e Costa.

**ARRAIAS – TO
2023**

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S237p Santos, Janaiza Dias dos.
A presença da história oral na construção da cultura Quilombola: uma análise a partir da Roda de São Gonçalo da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra Arraias-TO. / Janaiza Dias dos Santos. – Arraias, TO, 2023.
45 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientadora : Aline Fagner de Carvalho e Costa
1. História Oral. 2. Cultura Quilombola. 3. Roda de São Gonçalo. 4. Tradição. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico este trabalho aos meus avós, Maria Madalena e Marcos Gáspio (em memória), pela força durante esta caminhada. Te levo no meu coração porque a vida tirou vocês de mim. Sei que apesar de não estarem presentes fisicamente nesse momento, eles me deram coragem para seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Á Deus por me permitir chegar até aqui.

Á minha família, em especial meus pais, primo, primas, amigas, minha melhor amiga, meu namorado, madrinhas, padrinhos, tios e meus avós, Maria Madalena e Marcos Gáspio (em memória), por sempre me apoiarem e incentivarem para que pudesse continuar, principalmente nos momentos de desânimo, para seguir em frente rumo ao meu objetivo final.

A todos professores que estiveram dispostos a me ajudar e contribuir para meu aprendizado, em especial minha orientadora Aline Fagner, que desde o início confiou no projeto de pesquisa e ofereceu contribuições valiosas.

A todos meus colegas que me ajudaram direta e indiretamente no curso de pedagogia, e às pessoas que convivi durante esses anos.

Agradeço às minhas entrevistadas que relataram suas experiências e vivências na comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

Por fim, a todos aqueles que estão próximos de mim tornam minha vida cada vez mais significativa.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender os limites e possibilidades da história oral na preservação da tradição da Roda de São Gonçalo na construção da identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica, documental, de campo e de observação participante para coleta das informações. A entrevista foi realizada com 03 mulheres da comunidade que participam da Roda de São Gonçalo e são chamadas de “rodeiras”. Através dos estudos e das pesquisas realizadas foi possível entender como a história oral contribui na preservação da tradição da roda de São Gonçalo, pois essa manifestação cultural é fortemente mantida pela tradição oral que auxilia na construção da identidade cultural. Por último, pode-se observar que as entrevistadas têm vontade de manter a tradição da roda de São Gonçalo na comunidade, para que não deixe de existir, mas é necessário que os jovens da comunidade tenham interesse em aprender sobre a tradição, porque as mulheres vão envelhecendo e não conseguem dançar e na falta dessas ancestrais é preciso ter pessoas para passar esses conhecimentos às gerações futuras.

Palavras-Chave: História Oral. Cultura Quilombola. Roda de São Gonçalo. Tradição.

ABSTRACT

This work aimed to understand the limits and possibilities of oral history in preserving the tradition of the Roda de São Gonçalo in the construction of the cultural identity of the Lagoa da Pedra quilombola community. This study was developed through qualitative, bibliographic, documentary, field and participant observation research to collect information. The interview was carried out with 03 women from the community who participate in the Roda de São Gonçalo and are called “rodeiras”. Through the studies and research carried out, it was possible to understand how oral history contributes to the preservation of the tradition of the São Gonçalo wheel, as this cultural manifestation is strongly maintained by the oral tradition that helps in the construction of cultural identity. Finally, it can be observed that the interviewees want to maintain the tradition of the São Gonçalo circle in the community, so that it does not cease to exist, but it is necessary that young people in the community are interested in learning about the tradition, because women They get older and can't dance and in the absence of these ancestors it is necessary to have people to pass on this knowledge to future generations.

Keywords: Oral History. Quilombola Culture. Wheel of São Gonçalo. Tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do lugar da pesquisa.....	27
Figura 2 - Cruzeiro de buriti.....	30
Figura 3 - Altar de São Gonçalo.....	31
Figura 4 - Arcos enfeitados com candeias fixadas neles...31	
Figura 5 - Os guias.....	32
Figura 6 - Chegada para o pagamento da promessa.....	32
Figura 7 - O violeiro e o tocador da caixa.....	33
Figura 8 - Dança da Roda de São Gonçalo.....	34
Figura 9 - Passo da dança da Roda de São Gonçalo.....	34
Figura 10 - Idosa dançando a Roda de São Gonçalo.....	35
Figura 11 - Dança da Sússia.....	35
Figura 12 - Sússia.....	36
Figura 13 - Caracterização da Roda de São Gonçalo.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Definição da História Oral.....	11
2.2 Para que serve a História Oral	14
2.3 Qual a contribuição da História Oral	16
2.4 Construção da identidade quilombola da comunidade Lagoa da Pedra no município de Arraias-TO.....	18
2.5 Caracterização da Roda de São Gonçalo como manifestação da cultura popular.....	21
3 PROCEDIMENTO DA PESQUISA.....	24
3.1 Tipo da pesquisa	24
3.2 Tipo de pesquisa quanto a abordagem.....	25
3.3 Instrumentos para a coleta de conteúdos	25
3.4 Caracterização do local da pesquisa	26
3.5 Participantes da pesquisa	27
3.6 Análise de conteúdos	28
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CONTEÚDOS.....	28
4.1 Apresentação do diário de campo e registros fotográficos.....	28
4.2 Apresentação das Rodeiras entrevistadas e seu pertencimento à comunidade quilombola da Lagoa da Pedra	35
4.3 Percepção das Rodeiras sobre a importância da tradição e História Oral para a identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXO.....	45

1 INTRODUÇÃO

A tradição e a história oral desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural de diversas comunidades ao redor do mundo. Um exemplo marcante desse fenômeno pode ser observado nas comunidades quilombolas, como a da Lagoa da Pedra. As comunidades quilombolas têm suas raízes na resistência à escravidão no Brasil, formando refúgios onde preservaram não apenas suas vidas, mas também suas tradições culturais. Através da tradição oral, passada de geração em geração, essas comunidades mantêm viva a memória de seus antepassados, preservando a língua, os rituais, a música e as práticas tradicionais que moldam sua identidade. Assim, quais os limites e possibilidades da história oral na preservação da tradição da Roda de São Gonçalo na construção da identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra?

O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender os limites e possibilidades da história oral na preservação da tradição da Roda de São Gonçalo na construção da identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Apresentam-se como objetivos específicos: pesquisar conceitos e abordagens teóricas sobre cultura e identidade quilombola; levantar fundamentos teóricos sobre construção de cultura a partir da história oral e intergeracional; conhecer a contribuição da Roda de São Gonçalo para construção da identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra; investigar os limites e possibilidades da história oral produzida na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, a partir da tradição da Roda de São Gonçalo; contribuir para o registro e a valorização da cultura e da identidade quilombola da comunidade Lagoa da Pedra.

Em toda minha trajetória no curso de pedagogia, nas aulas das disciplinas, tais como Sociologia da Educação, Antropologia e Educação, Educação e Cultura Afro-brasileira, Educação em Direitos Humanos e de projetos e eventos realizado no campus, como o Calenu e Semanas Pedagógicas, me fizeram despertar o interesse em conhecer mais profundamente, na perspectiva histórico e cultural, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra, no município de Arraias, Tocantins.

Por fazer parte desta comunidade desde o meu nascimento, senti a necessidade de aprofundar ainda mais no processo de socialização da cultura tradicional da comunidade, por meio da história oral e intergeracional. Assim, a identidade cultural de comunidades tradicionais

pode estar profundamente ligada às práticas transmitidas de geração em geração, como rituais, cerimônias, linguagem, música, dança, artesanato e culinária. Estes elementos desempenham um papel central na união social e na passagem de conhecimento ao longo do tempo. Além disso, a conexão com a terra, o ambiente natural e a natureza também pode ser um componente fundamental da identidade cultural de comunidades tradicionais, como povos indígenas e quilombolas, entre outros. A Lagoa da Pedra, destaca sua cultura, práticas religiosas e festividades, oferece uma visão mais nítida da formação da identidade social tanto dos indivíduos envolvidos quanto da comunidade como um todo. Dessa maneira, a manifestação cultural da roda de São Gonçalo, uma dança religiosa que é transmitida oralmente, é uma tradição importante que fortalece a identidade cultural da comunidade.

Deste modo, descreveremos os autores utilizando nessa pesquisa, como Carvalho (2019) História Oral, Territorialidades e Identidades Quilombolas. Freitas (2006) História oral: possibilidades e procedimentos. Leite (2000) Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Rabelo e Interaminense (2016) Cultura Popular: definição e surgimento como campo de estudo a pesquisa - uma discussão atual. Santos (2015) Memória e História: contributos da história oral para a preservação da cultural. Teske (2013) Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO) e seu patrimônio imaterial. Teske (2018) Identidade Quilombola, Mineração e Novas Tecnologias: uma análise folkcomunicacional da Comunidade Lagoa da Pedra, Arraias-TO. Thompson (2002) História oral e contemporaneidade. Xavier e outros autores (2020) História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. Lakatos e Marconi (2003) Fundamentos de metodologia científica. Minayo e Deslandes (2009) Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Sendo assim, destacamos as Leis Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de (2003), da Presidência da República e Lei nº 3.353, de 13 de maio de (1888). Declara extinta a escravidão no Brasil.

Para o estudo deste tema a pesquisa se valeu, além de um levantamento bibliográfico na busca de aprofundamento dos conceitos aqui utilizados, também foi realizada uma pesquisa documental para caracterizar do ponto de vista das políticas e legislações como a Comunidade Lagoa da Pedra é reconhecida como território quilombola. Na pesquisa de campo foi realizada a observação participante que se deu no momento da manifestação da Roda de São Gonçalo ocorrida no dia 26 de agosto de 2023, além dos momentos de entrevistas realizadas com 03 mulheres da comunidade que participam desta manifestação como rodeiras.

O presente trabalho apresenta inicialmente os conceitos e teorias sobre a história oral, suas definições, caracterizações, desdobramentos e contribuições para a construção e valorização das identidades culturais, principalmente de comunidades tradicionais como as Quilombolas. Ainda na fundamentação teórica, apresentam-se informações e conhecimentos sobre Comunidades Quilombolas, suas origens e histórias de resistências com ênfase na caracterização da comunidade Lagoa da Pedra de Arraias-TO, por ser campo de observação deste estudo. No tópico sobre os procedimentos metodológicos são apresentados os tipos de pesquisa, abordagem, campo e sujeitos pesquisados e os procedimentos para análise dos dados coletados. No tópico 4 são apresentados e analisados os dados coletados na pesquisa de campo com o objetivo de caracterizar a Roda de São Gonçalo, as mulheres entrevistadas e a percepção delas sobre a importância desta manifestação cultural e religiosa para a construção e valorização da identidade da comunidade Lagoa da Pedra.

Sendo assim, este estudo se apresenta como uma forma de valorizar a cultura popular, mostrar para as pessoas da comunidade e fora dela sua importância, no sentido de sua preservação para as gerações futuras. O resultado da pesquisa também busca fundamentar novos estudos sobre o tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Definição da História Oral

De acordo com o método de abordagem, análise e construção de fontes históricas realizado por Carvalho (2019), a História Oral é vista por ele como um dos melhores, senão, o melhor caminho para se reconstruir a história social dos quilombolas e de sua cultura. Assim, História Oral pode ser considerada “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 2002, p. 9).

Por meio das metodologias da História Oral, discutem-se como as histórias de vida destes quilombolas podem exibir aspectos da história e das memórias locais. Ao mesmo tempo, a história oral e seus métodos de tratamento de histórias de vida e memórias servem de base para conhecer sobre a relação sociocultural dos habitantes quilombolas. “Primeiramente, ela é um método que sempre foi essencialmente interdisciplinar, um caminho cruzado entre

sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, e assim por diante” (THOMPSON, 2002, p. 10).

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca a boca. Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do lugar para a geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos; todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, ‘a real e secreta história da humanidade’ é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros (GRELE, 1995 apud FREITAS, 2006, p. 17).

Dessa forma, a História Oral é uma importante ferramenta para a construção da cultura quilombola, pois permite que as tradições e os conhecimentos ancestrais sejam transmitidos de geração em geração. “Essa combinação interdisciplinar de métodos representa o maior potencial para a pesquisa do futuro” (THOMPSON, 2002, p.11). A História Oral pode ser usada para coletar informações sobre fatos históricos a partir dos relatos das pessoas. “Uma segunda característica fundamental está no fato de que a pesquisa com histórias de vida abarca tanto as experiências individuais quanto coletivas, podendo ser feita com métodos e apresentar resultados de forma qualitativa e quantitativa” (THOMPSON, 2002, p. 13-14).

Ainda segundo Thompson, a experiência da velhice e as vozes das mulheres são temas que, dentre outros, raramente são perceptíveis nas fontes tradicionais, e, apesar de marginalizadas, exibem um potencial sócio-histórico de grande importância. A História Oral da acessibilidade “às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas e porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos” (THOMPSON, 2002, p. 16). A História Oral é uma possibilidade para ampliar as vozes desses grupos e permitir que suas histórias sejam ouvidas.

De acordo com Freitas (2006), as histórias dos indivíduos e da comunidade por meio da história oral pode ser ouvida e documentada, incluindo aquelas que podem não ter sido registradas em documentos escritos. A história oral pode ser usada como uma técnica para registrar informações e do ponto de vista da autora há possibilidades de ser dividida em três gêneros distintos: Tradição Oral, História de Vida e História Oral. Em relação à tradição oral, Vansina (1982 apud FREITAS, 2006), especialista em tradição oral africana, afirma que

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chaves, isto é, a tradição oral. A

tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANSINA, 1982 apud FREITAS, 2006, p. 19).

Algumas das principais razões pelas quais a história oral é importante, consiste na preservação da história com uma compreensão mais profunda, fornecendo informações históricas e experiências pessoais mais detalhadas do que em registros escritos. Para Freitas (2006)

A História Oral também não é sinônimo de história de vida. História de vida pode ser considerada um relato autobiográfico, mas do qual a escrita – que define a autobiografia – está ausente. Na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Esse relato – que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador – pode abranger a totalidade da existência do informante. Para tanto, seriam necessárias inúmeras horas de gravação (FREITAS, 2006, p. 21).

Dessa maneira, a abordagem da História Oral tem sido amplamente discutida por diversos teóricos, que propõem diferentes perspectivas para sua utilização, por meio das histórias contadas nas entrevistas e pesquisas realizadas, permite que as pessoas das comunidades tenham suas histórias preservadas e documentadas, seja elas de forma coletiva ou individual. Ainda sobre essas perspectivas, a autora Freitas (2006) salienta que

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (FREITAS, 2006, p.21-22).

A partir dessas ideias, é possível compreender que a História Oral é uma abordagem que envolve a coleta e o registro de informações históricas por meio de entrevistas e depoimentos de pessoas que viveram determinados eventos ou períodos. Essa abordagem busca resgatar as vozes e as perspectivas dos indivíduos comuns, complementando e muitas vezes desafiando a narrativa oficial da história. “Um projeto de História Oral pode ser desenvolvido em diferentes contextos, como iniciativa individual ou trabalho coletivo” (FREITAS, 2006, p. 22).

Deste modo, a História Oral foi amplamente adotada por historiadores em todo o mundo, especialmente em pesquisas. A prática da História Oral permite que os pesquisadores obtenham relatos em primeira mão, capturando detalhes, emoções e perspectivas que podem estar ausentes em documentos escritos tradicionais.

Nesse sentido, Freitas (2006) aponta que

Uma das primeiras experiências com História Oral no Brasil ocorreu no Museu da Imagem e do Som – MIS/SP (1971), que tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, Paraná (1972), e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral em 1975. Porém, a experiência mais importante e enriquecedora tem sido do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975. Indubitavelmente, o CPDOC é o melhor exemplo da bem-sucedida experiência com História Oral no Brasil, tanto pela qualidade de seu acervo, constituído principalmente de entrevistas com personalidades da história política contemporânea do país, quanto pela realização de comunicações, palestras e edições de obras sobre a teoria e metodologia da História Oral. (FREITAS,2006, p.30-31).

De acordo com essas informações, ao longo das décadas, a História Oral tem evoluído e se diversificando, incorporando abordagens interdisciplinares, métodos de preservação da memória e do testemunho. Nesse sentido, a História Oral continua a ser uma ferramenta valiosa para ampliar a compreensão do passado e possibilitar que as pessoas sejam ouvidas, principalmente aos sujeitos que muitas vezes são negligenciados pela história convencional.

2.2 Para que serve a História Oral

Conforme Xavier e outros autores,(2020), a História Oral é uma metodologia utilizada na pesquisa histórica que envolve a coleta de informações por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram determinados eventos ou períodos históricos. Essa abordagem tem como objetivo principal preservar e registrar narrativas individuais e coletivas, geralmente ausentes de documentos escritos, a fim de complementar e enriquecer a compreensão da história. “A utilização da História Oral tem sido, a partir da década de 1970, em geral, e de 1990, no Brasil, especificamente, um desses caminhos, ora alternativo, ora indispensável às produções científicas, principalmente no campo das ciências humanas,sociais e sociais aplicadas” (XAVIER, et al. 2020, p. 2-3).

Deste modo, a História Oral serve para capturar a memória viva de indivíduos e comunidades, permitindo o resgate de experiências pessoais, testemunhos e perspectivas únicas sobre eventos históricos, dando voz a pessoas que muitas vezes são marginalizadas ou excluídas das narrativas históricas convencionais, como grupos étnicos minoritários, mulheres, trabalhadores, e outros grupos. Ao coletar relatos e depoimentos através de entrevistas, a História Oral permite que os historiadores e pesquisadores obtenham informações valiosas

sobre diferentes aspectos da vida no passado, como cultura, cotidiano, tradições, lutas sociais e mudanças históricas. Da mesma maneira que

Em todos os casos, a utilização da História Oral seja como método, técnica ou recurso metodológico, o sujeito pesquisador necessita de algumas qualidades imprescindíveis, tais como: conhecimento, sensibilidade, tranquilidade e empatia. Deste modo, se torna imprescindível a compreensão mais acurada sobre História Oral (XAVIER, et al. 2020, p.4).

Além disso, a História Oral também desempenha um papel fundamental na preservação da memória e no fortalecimento da identidade cultural de comunidades e grupos específicos, proporcionando uma oportunidade para que as gerações mais jovens aprendam com as experiências passadas, valorizem suas raízes e se conectem com sua herança histórica. Desta maneira, a História Oral serve para resgatar, preservar e divulgar as vozes e memórias individuais e coletivas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente, diversificada e inclusiva da história.

Portanto Xavier (2020) destaca que

A História Oral é, deste modo, a extração das informações contidas na Memória que servem de orientação e transmissão do legado cultural de geração em geração. Assim, é racional afirmarmos que a história oral entra no cenário desde que o homem surge na terra. Neste sentido, a História Oral, metodologicamente, com base na colheita de entrevistas, além de ordenar os trabalhos, serve de intermediação entre a teoria e a prática apontando variados e, por vezes, novos caminhos e descobertas nos trabalhos de pesquisas em busca do objeto perquirido. (XAVIER, et al. 2020, p. 6).

Sendo assim, a História Oral enriquece o conhecimento histórico, valoriza a experiência humana e promove uma maior participação e representatividade na construção da narrativa histórica, os relatos obtidos por meio da História Oral são frequentemente utilizados em pesquisas acadêmicas, na produção de livros, documentários, exposições e outros meios de divulgação histórica. Dessa maneira, ajudam a preencher lacunas de conhecimento, a desafiar narrativas dominantes e a oferecer uma visão mais inclusiva e diversificada da história.”Lembrando que dependendo do gênero da pesquisa, a história oral pode ser empregada ora como método investigativo, ora como técnica e ora como recurso metodológico” (XAVIER, et al. 2020, p. 13).

No caso deste trabalho, a História Oral, além de ser método investigativo, ora como técnica e ora como recurso metodológico, é também o objeto de investigação, já que o interesse desta pesquisa está em conhecer como o prática cotidiana da história oral na comunidade Lagoa da Pedra, contribui na construção da cultura e da identidade deste povo.

2.3 Qual a contribuição da História Oral

A História Oral tem uma contribuição significativa tanto para as comunidades como também para a sociedade em vários aspectos. Na qual envolve a coleta de relatos e testemunhos de pessoas sobre suas experiências e memórias individuais e coletivas, com a captura dos detalhes da vida cotidiana, oferecendo uma visão mais completa e diversa do passado.

Nessas perspectivas é importante ressaltar, que para Santos (2015)

Patrimônio, cidade e lugares de memória remete a ideia de espaços, objetos, pessoas, monumentos, entre outros elementos os quais caracterizam a cultura material e imaterial. São aspectos que compõe o mosaico dos lugares de memória e que precisa ser preservado para a continuação da história de um lugar, espaços de memória representam simbolicamente, ou materialmente um sentido na vida humana, representa vivência das pessoas que ali viveram ou ainda vivem. A sociedade necessita desses espaços como instrumentos permanentes no exercício da memória. Porém, diante do contexto atual com a modernidade, o progresso rompe com esse exercício dinâmico da memória. Esses lugares nascem e vivem a partir do sentimento que não existe memória espontânea, é necessário que seja criado mecanismo para a efetivação da memória. Pois são espaços que servem de referências para a continuidade da história das pessoas que ali viveram ou vivem. (SANTOS, 2015, p. 3).

Nesse sentido, a História Oral tem sido particularmente valiosa para resgatar as vozes e experiências de grupos de comunidades quilombolas, indígenas e outros, ajudando a equilibrar narrativas históricas dominantes e a reconhecer a diversidade de experiências humanas. Deste modo, a História Oral pode fornecer uma compreensão mais profunda dos eventos históricos, adicionando camadas de emoção, subjetividade e perspectivas individuais aos fatos registrados que permite uma análise mais abrangente das implicações sociais, culturais e emocionais desses eventos de tal forma, que ao coletar e compartilhar histórias, a História Oral cria conexões interpessoais.

Santos (2015) aponta que

O respeito pelos espaços de memória vem fortalecer a identidade local, privilegiando aquilo que em um dado momento da história teve a sua grande importância, a manutenção do patrimônio deve ser uma ação educativa que servirá para as gerações futuras. Os valores e os significados darão às futuras gerações um sentimento de pertencimento ainda que através dos “velhos”, digo os que por ali passaram e deixaram suas marcas suas memórias, quer seja na perspectiva individual ou coletiva. (SANTOS, 2015, p.4)

Dessa forma, a História Oral fortalece os laços comunitários e familiares, promove a empatia e a compreensão mútua entre as gerações, permitindo que as experiências sejam transmitidas de uma forma mais pessoal e envolvente. “Diante do mundo acelerado por conta também da globalização, é importante dizer que não se anula o modo de percepção histórica do sujeito. Mas sim, coloca o sujeito como protagonista desse processo, pois cabe a tarefa de dar sentido a história a cultura do povo” (SANTOS, 2015, p. 5).

Por isso, os relatos orais podem fornecer aos pesquisadores, historiadores e estudiosos conhecimentos únicos sobre a vida das pessoas, além de informar e enriquecer a compreensão acadêmica sobre determinados períodos e eventos históricos, “a essencialidade do historiador oral, está na arte da escuta” (SANTOS, 2015, p.6). Dessa forma, a História Oral possibilita o empoderamento das pessoas e a participação no compartilhamento das histórias, permitindo que os sujeitos das comunidades se sintam valorizados e reconhecidos, ajudando a fortalecer a identidade cultural, que por meio das histórias e experiências passadas, as pessoas podem desenvolver uma maior consciência histórica e uma compreensão mais profunda de sua própria identidade e lugar na sociedade, isso pode incentivar uma cidadania mais ativa. Desta maneira Santos (2015) destaca que

Sendo amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais, ressaltamos a sua importância tendo em vista que tanto a cultura material como imaterial são fontes para a continuidade da história de uma nação de uma cidade. A cultura imaterial e material estão relacionadas com os saberes, as habilidades, manifestações literárias, rituais, festas, crenças, práticas ao modo de ser das pessoas. Também fazem desse cenário de memória os monumentos como os mercados, santuários, praças e demais espaços que representam a cultura. O conjunto de bens imateriais, se faz pela dinamicidade da história contadas e recontadas, sendo a cidade um cenário que apresenta muitas manifestações que constituem signos reveladores das reminiscências das histórias do lugar, e podem ser contadas para que a história se mantenha viva nas tradições e na memória das pessoas (SANTOS, 2015, p.6 -7).

Sendo assim, a História Oral desempenha um papel importante na preservação da memória, no resgate de vozes marginalizadas, na compreensão dos eventos históricos, na construção de conexões interpessoais, no conhecimento e pesquisa, no empoderamento e capacitação, bem como na conscientização histórica e cidadania ativa, enriquecendo a nossa compreensão do passado e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva, diversa e informada.

2.4 Construção da identidade quilombola da comunidade Lagoa da Pedra no município de Arraias-TO

Segundo Teske (2018), com a aprovação da Constituição Brasileira de 1988, mas, principalmente, a partir da aprovação do Decreto N° 4.887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, fica estabelecido uma profunda mudança legal em relação às comunidades remanescentes de quilombo. Diante disso, foram necessários cem anos, após a assinatura da Lei n° 3.353, de 13 de maio de 1888, que decretava o fim da escravidão, para que, através do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, fossem reconhecidos os direitos às terras aos descendentes dos antigos quilombos, onde está estabelecido que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

Desse modo, para Leite (2000), a Constituição Cidadã de 1988 trouxe avanços indiscutíveis nesse sentido. No entanto, os negros ainda tiveram que lidar com muitas dúvidas sobre se tinham o direito de ocupar espaços que pudessem ser organizados de acordo com suas próprias condições, valores e práticas culturais. Diante disso a autora destaca que

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afro-descendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas. A partir da Constituição Federal promulgada em 1988, cujo artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”, o debate ganha o cenário político nacional. Por trás de algumas evidências, pistas e provas, surgem novos sujeitos, territórios, ações e políticas de reconhecimento. (LEITE, 2000, p. 335).

Desta forma, o termo "quilombo" é usado para se referir não apenas aos remanescentes das antigas comunidades quilombolas, mas também às comunidades rurais e urbanas que são reconhecidas oficialmente como quilombolas pelo Estado brasileiro. Essas comunidades têm direito à terra, de acordo com a Constituição brasileira, e são reconhecidas como grupos étnico-raciais que preservam uma história, cultura e modo de vida próprios.

De acordo com Teske (2018), a identidade cultural de comunidades tradicionais e grupos marginalizados é formada por um conjunto de elementos e características que refletem suas experiências, história, tradições, valores, crenças e práticas distintas. “Nas comunidades ou grupos, ou mesmo nos núcleos familiares há um padrão cultural. Este padrão cultural, por sua vez, vai sofrendo alterações conforme surgem necessidades ou adequações aos próprios costumes e é o que se denomina de tradição cultural” (TESKE, 2018, p. 87-88). Essas comunidades e grupos muitas vezes enfrentam desafios e opressões que afetam sua identidade cultural, mas também têm uma resiliência notável para preservar e fortalecer sua herança cultural única.

Na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, por muitos anos, esta tradição cultural era transmitida apenas de forma oral, pois suas histórias, costumes, festas, os fazeres e saberes não estavam documentados nem de forma escrita, ou mesmo em alguma imagem fotográfica. É importante ressaltar, que mesmo sofrendo readequações ao ressignificar suas manifestações culturais, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra mantém as suas raízes na religiosidade em praticamente todas as suas manifestações culturais, mesmo que miscigenadas entre práticas herdadas dos ancestrais africanos com as tradições católicas. (TESKE, 2018, p. 88).

Desta forma, a identidade cultural de comunidades tradicionais pode estar enraizada em suas tradições ancestrais, como rituais, cerimônias, linguagem, música, dança, artesanato e culinária. Esses elementos podem desempenhar um papel central na coesão social e na transmissão de conhecimento de geração em geração. A conexão com a terra, o meio ambiente e a natureza também pode ser um aspecto importante da identidade cultural de comunidades tradicionais, como povos indígenas, quilombolas, entre outros. Deste modo, “a comunidade quilombola transmite de geração a geração, inicialmente através da tradição oral e atualmente já documentando, filmando e fotografando as suas práticas culturais, interpretando, materializando suas crenças e múltiplas manifestações culturais estão transmitindo informações” (TESKE, 2018, p.88).

Sendo assim, a identidade cultural das comunidades, reconhecendo sua diversidade e a importância de suas contribuições para a sociedade como um todo. “É uma riqueza cultural na Lagoa da Pedra, e que os seus fazeres e saberes são cultura em sua essência, mesmo quando vai ressignificando a sua cultura conforme as mudanças e ameaças que vem acontecendo ao longo dos anos” (TESKE, 2018, p. 88). Dessa maneira, ao promover-se a justiça social, a inclusão e o respeito pelos direitos humanos, permitindo que essas comunidades mantenham e fortaleçam suas identidades culturais ao longo do tempo.

Conforme Teske (2018), entendendo que a cultura é um sistema complexo de símbolos com muitos significados, isso se torna ainda mais evidente em comunidades tradicionais, como as comunidades quilombolas. Nessas comunidades, a tradição oral tem um papel muito importante. Por outro lado, vivemos em uma sociedade influenciada pelos meios de comunicação e pela globalização cultural. Portanto, é necessário garantir a preservação da cultura quilombola por meio de leis e decretos, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1988).

Portanto, o patrimônio cultural imaterial é composto por práticas, conhecimentos, expressões e habilidades que são reconhecidas e transmitidas pelas comunidades e grupos ao longo das gerações. Esses elementos culturais incluem instrumentos, objetos, artefatos e espaços que estão associados a eles. O patrimônio cultural imaterial é constantemente recriado pelas comunidades e grupos, influenciado pelo ambiente em que vivem, sua interação com a natureza e sua história. Ele desempenha um papel importante na formação da identidade e continuidade dessas comunidades, além de promover o respeito pela diversidade cultural e incentivar a criatividade humana.

Ainda segundo Teske (2018), a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra está localizada no sudeste do estado do Tocantins. Ela ocupa uma área total de 80 alqueires. A comunidade fica a cerca de 34 quilômetros da cidade de Arraias e a 450 quilômetros da capital do estado, Palmas.”A Comunidade Lagoa da Pedra foi a primeira das atuais 44, a obter a Certidão com Comunidade Remanescente de Quilombo no Estado do Tocantins” (TESKE, 2018,p.113). Deste modo, mesmo tendo enfrentado muitos preconceitos e discriminação ao longo do tempo, essa comunidade consegue se manter unida e preservar suas tradições.

Portanto, as pessoas da comunidade conseguem envolver a sociedade ao redor em suas festas e manifestações, mostrando sua força e identidade cultural.

Dessa forma para Teske (2018), a Lagoa da Pedra é uma comunidade que enfrentou muita discriminação e preconceito, além de ter sido negligenciada pelo governo, sem ter acesso aos direitos garantidos por lei que promovem a cidadania. No entanto, ela se destaca por preservar sua história e cultura de forma única. O patrimônio histórico-cultural intangível da comunidade, como seus conhecimentos tradicionais, práticas, linguagem e formas de expressão, bem como suas danças, festas e cerimônias, são exemplos da riqueza cultural que a define. Mesmo com a chegada das novas tecnologias e a globalização, a comunidade se adapta, utilizando os meios de comunicação modernos para preservar sua cultura e dar novos significados às suas expressões culturais.

2.5 Caracterização da Roda de São Gonçalo como manifestação da cultura popular

De acordo com Teske (2013), ao explorar as características culturais da Lagoa da Pedra, como sua cultura, religião e festividades, isso ajuda a compreender como a identidade social dos membros da comunidade é formada. A cultura popular desempenha um papel vital para as comunidades quilombolas, não apenas como uma forma de expressão cultural, mas também como um meio de preservar a história e fortalecer a identidade. Sendo um elemento central na luta pela preservação dos direitos e da cultura dessas comunidades únicas. Dessa maneira, Rabelo e Interaminense (2016) salienta que

Abordar sobre Cultura Popular dimensionar, que é cultura, existe devido à interação entre os povos. Definindo que cultura é a forma própria e específica da existência humana no mundo, onde a manutenção da sociedade decorreria, tendo a relações entre os homens e entre os homens e a natureza. Essas relações registradas nas normas, regras, imagens, mitos, ritos e discursos. Todos esses elementos são socialmente construídos e relacionados à própria existência da sociedade. (RABELO e INTERAMINENSE, 2016, p.33)

Deste modo, a cultura popular é super importante para as comunidades, preservando suas histórias e tradições, fortalece a ligação com sua identidade única e ajuda na resistência contra influências externas que ameaçam sua cultura. Além disso, promove a união entre as pessoas na comunidade e passa conhecimentos essenciais de geração em geração. Também é uma forma de celebrar a diversidade étnica e cultural dentro das comunidades, contribuindo

para a valorização da cultura e dos direitos dessas comunidades. Sendo assim, “a cultura popular deve estar implícita, seja na valorização das expressões dos indivíduos, seja na preservação e na divulgação de manifestações de povos de diferentes culturais” (RABELO e INTERAMINENSE, 2016, p.39). Uma manifestação cultural pode incorporar elementos de várias influências e se tornar uma expressão viva da identidade e da diversidade de um povo.

Diante disto, Teske (2013) aponta que, a roda de São Gonçalo, festa cultural que teve início em Portugal, no século XII, graças a um frade chamado Gonçalo, que viveu em Amarante no final de sua vida. As pessoas atribuem a ele vários milagres e, ao longo do tempo, ele também se tornou conhecido como o santo protetor dos casamentos. Inicialmente, a festa em sua homenagem acontecia no dia 10 de janeiro, que era a data de sua morte.

Na Lagoa da Pedra, as pessoas continuam celebrando essa festa, mesmo sem conhecerem registros históricos detalhados sobre São Gonçalo e a origem da festa. Eles mantêm viva essa tradição através da transmissão oral, cantando sobre eventos que estão relacionados com a história real, preservando assim a memória desse santo e da festa. Teske (2013) ressalta que

Percebe-se a força da tradição oral, ainda mais, em se tratando de uma comunidade quilombola, que tem a sua origem no ano de 1853, o que quer dizer, que tem início antes mesmo da assinatura da Lei Áurea. Apesar de ser uma comunidade que sofreu toda sorte de preconceito e discriminação, vivendo de forma isolada, preservaram em seu meio tradições que os mantêm unidos e, ao mesmo tempo, vivenciando as suas festas e manifestações de forma a envolverem a sociedade circundante, demonstram a sua força e identidade cultural. (TESKE, 2013, p.70).

Desta maneira, a Tradição Oral é importante, destaca a resiliência e a capacidade da comunidade quilombola de preservar suas raízes culturais e envolver outros na celebração de sua cultura. “a Roda de São Gonçalo também é de tradição católica, entretanto há símbolos, instrumentos musicais e danças que remetem aos ancestrais africanos, demonstrando a presença de forte resistência cultural” (TESKE, 2013, p.72). Deste modo, a Roda de São Gonçalo muitas vezes envolve a colaboração de toda a comunidade, isso promove uma aliança que é essencial para a união das pessoas, fortalecendo os laços sociais e preservando a cultura da comunidade.

Conforme Teske (2013) na comunidade, a Roda de São Gonçalo acontece somente quando alguém deseja cumprir uma promessa, geralmente devido à escassez de chuva ou doença. Esta celebração não segue um calendário fixo, ocorrendo quando o sujeito da promessa decide realizá-la. Para isso, a pessoa deve entrar em contato com guia mestre, que reunirá 24

rodeiras, um contra-guia e um músico violeiro, juntamente com os músicos responsáveis pela azabumba e a caixa para a marcha inicial. Além disso, o promitente deve preparar uma refeição para toda a comunidade, seus convidados e qualquer pessoa que queira participar. Não é necessário um convite prévio, mas é importante garantir comida em abundância, pois o número de participantes é incerto. A Roda de São Gonçalo é uma manifestação cultural que ajuda a preservar tradições, músicas, danças, símbolos e rituais que são transmitidos de geração em geração, mantendo vivas as heranças culturais da comunidade. Teske (2013) destaca que

As rodeiras e os guias sempre dançarão paramentados com uma roupa branca e uma fita vermelha amarrada na cintura. A dança sempre ocorre à noite em frente à casa do pagador de promessa e o cenário é composto de um cruzeiro e um altar, tendo aproximadamente 12 metros de distância entre um e outro. O altar é improvisado com uma mesa da escola e ornamentado com uma toalha e enfeitada com flores de papel. Sobre o altar imagens de santos e de São Gonçalo violeiro. As rodeiras seguram durante toda a evolução da Roda de São Gonçalo um arco enfeitado com flores e sobre o qual também está fixado uma candeia, confeccionada especificamente para esse fim. A candeia, segundo dizem, deve ser sempre de cera de abelha aratim, uma espécie da região (TESKE, 2013, p.72 e 73).

Em vista disso, a apresentação da festa tem uma visão única de uma tradição cultural específica, destacando elementos como trajes, cenário e objetos utilizados durante a dança da Roda de São Gonçalo. Para Teske (2013), no desfecho de uma etapa da celebração da Roda de São Gonçalo, os guias pegam os arcos das duas fileiras de mulheres, com 12 em cada fila. Os guias seguram os arcos e os lançam no topo da casa. Se algum deles cai ao chão, é interpretado como um sinal de que uma das mulheres falecerá no próximo ano, conforme sua tradição.

Portanto, os guias são extremamente cautelosos para evitar tal incidente, uma vez que isso já ocorreu no passado. A conclusão da cerimônia se dá com a Sússia¹, uma dança de raízes africanas ao som do tambor, na qual todos os participantes se reúnem, cantando e aplaudindo. Após os rituais finais, a cerimônia de cumprimento da promessa, ou seja, a Roda de São Gonçalo, é considerada encerrada. “A resistência cultural é percebida na medida em que as comunidades tradicionais, no caso específico, da Lagoa da Pedra, ressignificam os seus padrões e manifestações culturais” (TESKE, 2013, p.75).

¹ A Sússia, uma dança tradicional nas comunidades do Tocantins, especialmente no Sudeste do Estado, é carregada de um simbolismo cultural marcante. Homens, mulheres e crianças participam, dançando em círculos ao som frenético dos instrumentos, cantando em conjunto. Essa dança é uma parte integral de festas religiosas e folclóricas na Lagoa da Pedra e na região, representando uma afirmação de suas origens e o fortalecimento de tradições.

Sendo assim, a resistência cultural é evidente quando as comunidades tradicionais dão novo significado aos seus costumes e expressões culturais, mantendo assim sua identidade cultural diante de influências externas, demonstrando a capacidade dessas comunidades de manter sua cultura única e autêntica. Portanto, em um mundo que se considera moderno e segue um modelo de desenvolvimento que não valoriza a cultura como um elemento essencial, é necessário repensar esses conceitos e promover um novo modelo de desenvolvimento que seja verdadeiramente sustentável e que leve em consideração a diversidade cultural como parte fundamental desse processo. Em essência, sugere a importância de integrar a cultura de forma mais significativa nas abordagens de desenvolvimento.

3 PROCEDIMENTO DA PESQUISA

3.1 Tipo da pesquisa

Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. De acordo com, Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, também conhecida como pesquisa em fontes secundárias, engloba todo o material já publicado sobre um determinado tema de estudo. Isso inclui diversos tipos de publicações, como livros, revistas, jornais, teses, monografias, artigos científicos impressos ou eletrônicos, além de materiais cartográficos e até mesmo meios de comunicação oral, como programas de rádio, gravações, filmes e programas de televisão. O objetivo dessa pesquisa é permitir que o pesquisador tenha acesso direto a tudo o que foi escrito, dito ou gravado sobre um assunto específico, incluindo transcrições de conferências seguidas de debates. Portanto, a pesquisa bibliográfica é uma etapa essencial no processo de coleta e análise de informações, permitindo ao pesquisador conhecer e compreender os estudos e ideias já existentes sobre o tema de interesse, embasando e direcionando sua própria pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa documental “é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 174). Dessa maneira, a pesquisa documental permite acessar informações e dados históricos, contextuais, políticos, sociais e culturais, sendo uma ferramenta valiosa para a produção de conhecimento científico e para a elaboração de pesquisas acadêmicas.

Desse modo, Lakatos e Marconi (2003), relatam que, uma pesquisa de campo é um método de coleta de dados que envolve a observação e o estudo direto de pessoas, lugares, eventos ou fenômenos em seu ambiente natural. É uma abordagem prática e empírica para coletar informações sobre um determinado assunto ou problema de pesquisa. Ao realizar uma pesquisa de campo, os pesquisadores vão até o local onde ocorrem os eventos ou fenômenos que desejam estudar. No campo a pesquisa se valerá da própria História Oral. “A História Oral como metodologia de pesquisa, busca, por meio de fontes orais, o registro histórico a partir da memória de cada grupo e da problemática interna de cada um deles” (FREITAS, 2006, p.84).

3.2 Tipo de pesquisa quanto a abordagem

Para essa pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa. Conforme, Minayo, Deslandes e Gomes (2009) a pesquisa qualitativa se concentra em questões específicas e não se preocupa em quantificar a realidade. Ela se aplica nas Ciências Sociais e aborda o mundo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esses aspectos fazem parte da realidade social, pois os seres humanos não apenas agem, mas também refletem sobre suas ações e interpretam-nas com base na realidade compartilhada com os outros. A pesquisa qualitativa se concentra no universo das relações, representações e intenções, que são difíceis de serem expressos em números e indicadores quantitativos.

3.3 Instrumentos para a coleta de conteúdos

Para a coleta de conteúdos foi utilizada entrevista e observação participante. Segundo, Lakatos e Marconi (2003), uma entrevista é quando duas pessoas se encontram para conversar sobre um assunto específico de maneira profissional. É uma maneira de obter informações importantes para entender melhor um assunto ou ajudar a resolver um problema social. A entrevista é usada tanto na pesquisa social, para coletar dados, quanto no diagnóstico e tratamento de problemas sociais. “Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 195). Dessa maneira, a entrevista serve como uma ferramenta eficaz para obter informações de uma pessoa de maneira direta e interativa,

permitindo a compreensão mais profunda de um determinado assunto ou o alcance de um objetivo específico, conforme o contexto em que é aplicada.

A partir dessas informações, Lakatos e Marconi (2003), afirmam que a observação participante consiste em o pesquisador participar ativamente da comunidade ou grupo, tornando-se parte dele. O observador se envolve tanto quanto um membro do grupo que está sendo estudado, participando das atividades normais também. Deste modo, Lakatos e Marconi (2003) aponta que

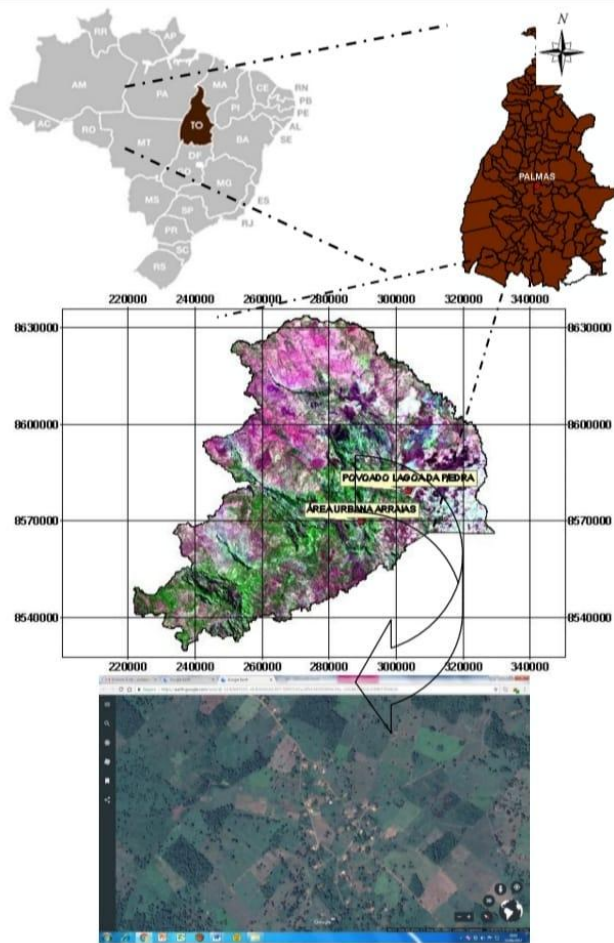
O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado. O objetivo inicial seria ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão, mas, em certas circunstâncias, há mais vantagem no anonimato. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 194).

Sendo assim, a principal finalidade da observação participante é obter uma compreensão profunda e detalhada do fenômeno social em estudo, de uma perspectiva interna. Em vez de depender apenas de entrevistas ou questionários, o pesquisador tem a oportunidade de vivenciar em primeira mão as experiências, comportamentos, valores, normas e dinâmicas do grupo. Isso proporciona um contexto rico para a análise e interpretação dos dados coletados.

3.4 Caracterização do local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, que está localizada no município de Arraias-TO. É formada por aproximadamente 47 famílias, que vivem em uma área de 80 alqueires. A principal forma de sustento da comunidade é a agricultura familiar, a criação de gado e a criação de animais de pequeno porte, vale destaca que a comunidade possui uma escola multisseriada que atende crianças do Pré I ao 5º Ano do Ensino Fundamental. Sendo assim, a Lagoa da Pedra foi uma das primeiras comunidades no Tocantins, a ser reconhecida como uma comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares. Portanto, a comunidade ainda mantém suas tradições, crenças e costumes.

Figura 1 – Localização do lugar da pesquisa



Fonte: Teske (2018)

3.5 Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram com 03 mulheres da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, escolhidas segundo o critério de sua participação direta na manifestação cultural e religiosa da Roda de São Gonçalo como “rodeira”.²

² Rodeira são as mulheres que participam da Roda de São Gonçalo, dançando.

3.6 Análise de conteúdos

Para análise de conteúdo foi utilizada a transcrição das entrevistas gravadas, além dos registros fotográficos e do diário de campo. Vale destacar que para Campos e Silva et al (2021), o diário de campo é uma ferramenta versátil utilizada em diversas pesquisas nas ciências humanas. Em contextos como estudos etnográficos, esse registro abrange observações detalhadas de eventos, sentimentos, relações e reflexões do profissional/investigador. Essa prática diária visa sistematizar e detalhar as situações do dia, incluindo nuances nas falas dos participantes da investigação. No âmbito etnográfico, a construção do diário de campo é essencial, complementada por anotação sobre entrevistas e observações no cotidiano do grupo social em estudo. Sendo assim, o diário de campo foi utilizado para os registros realizados nos momentos da observação participante que ocorreram na manifestação da Roda de São Gonçalo no dia 26 de agosto de 2023 e nas visitas à comunidade para a realização das entrevistas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CONTEÚDOS

4.1 Apresentação do diário de campo e registros fotográficos

No dia 26 de agosto de 2023, eu juntamente com minha professora e orientadora Aline Fagner e seu filho Davi, fomos para a comunidade quilombola Lagoa da Pedra para participar da promessa da Roda de São Gonçalo. Saímos de Arraias às 18h30min e fomos conversando até chegar na Lagoa da Pedra por volta das 20h, passamos na mercearia e em seguida na minha casa, a professora conheceu meu pai e ficamos um pouco lá conversando até meu tio nos acompanhar até o local que aconteceria a Roda de São Gonçalo.

Chegamos lá na casa do pagador da promessa uns 20h40min, cumprimentos as pessoas que estavam na casa, tinha cadeiras do lado de fora embaixo de um pé de árvore, ficamos sentados enquanto esperava começar, meu tio apresentou algumas pessoas para minha orientadora, inclusive o pagador da promessa no caso é o filho que estava pagando a promessa que sua mãe tinha pedido quando era viva.

Quando foi uns 20h48min começou a chover, ficamos na área da casa da vizinha, enquanto aguardava a chuva passar, mas parecia que não iria passar até que procurei me informar se realmente aconteceria a promessa, até que a chuva passou e o pagador da promessa resolveu servir a janta, que foi: arroz, feijão, carne bovina, frango, macarrão e salada para todos os convidados.

Como a chuva foi tão forte na frente da casa não teria como fazer a dança da roda de São Gonçalo, o lugar estava muito cheio de lama e as rodeiras não conseguiriam dançar. A sorte foi que em frente à escola da comunidade tem uma tenda. Deste modo, todas as pessoas foram para a escola, esperamos a organização do espaço, as rodeiras se arrumarem e quando foi 00h00 deu iniciou a Roda de São Gonçalo. Foram no total 26 pessoas que dançaram, como fazia anos que não tinha assistido uma roda de São Gonçalo, achei tudo muito lindo, dava pra ver nos olhos daquelas mulheres um brilho e alegria em dançar cada passo da roda de São Gonçalo.

Sendo assim, a roda foi finalizada com a dança da sússia, todas dançaram, cantaram com muita felicidade. Assim, por volta das 2h da madrugada terminou, mas teve que retornar para casa do pagador da promessa para que os arcos fossem jogados no telhado da casa, em seguida é feita a reza da ladainha e um bendito para beijar o altar, para que assim, a promessa fosse realmente cumprida, depois foi servido um lanche que era café, diferentes tipos de bolos e farofa.

Dessa forma, apesar dos imprevistos, a Roda de São Gonçalo foi realizada com muita dedicação, principalmente por ser para o pagamento da promessa. Assim, mesmo que as dificuldades tenham aparecido, quando um ajuda o outro sempre encontra a melhor solução. Desse modo, percebi como a tradição é importante e uma oportunidade para todas, tanto para as rodeiras novas quanto para as mais velhinhas também.

Figura 2- Cruzeiro de buriti



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 3- Altar de São Gonçalo



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 4 - Arcos enfeitados com candeias fixadas neles



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 5 - Os guias



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 6- Chegada para o pagamento da promessa



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 7- O violeiro e o tocador da caixa



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 8- Dança da Roda de São Gonçalo



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 9- Passo da dança da Roda de São Gonçalo



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 10- Idosa dançando a Roda de São Gonçalo



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 11 - Dança da Sússia



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

Figura 12- Sússia



Fonte: Fotografia tirada por Aline Fagner (2023).

4.2 Apresentação das Rodeiras entrevistadas e seu pertencimento à comunidade quilombola da Lagoa da Pedra

Neste tópico apresentamos as entrevistas que foram realizadas com as 03 mulheres da comunidade que participam da Roda de São Gonçalo e são chamadas de “rodeiras”. É importante ressaltar que as entrevistas autorizaram a divulgação de seus nomes neste trabalho. Assim, inicialmente as perguntas feitas foram de carácter de identificação e seu pertencimento na comunidade. Segue abaixo as questões com as respectivas respostas, a primeira rodeira.

O nome da senhora? Edna Ferreira da Silva. Idade? Cinquenta e seis anos. Escolaridade? É terceiro ano. Naturalidade? Daqui mesmo? Daqui mesmo. Estado civil. Casada? Casada. Tem quantos filhos? quatro. a senhora se considera quilombola? Considero. Desde quando a senhora vive aqui? Desde trinta e seis anos. E pra senhora o que é ser quilombola? Uai Janaiza é é uma coisa muito boa né, Surgiu aqui foi muito bom.

Diante disso, a Edna vive na comunidade a 36 anos e se considera quilombola e quando ela diz que ser quilombola “é uma coisa boa e quando surgiu foi muito bom”, a autora Leite (2000) destaca que, os negros enfrentaram incertezas sobre sua legitimidade para ocupar espaços organizados conforme suas próprias condições, valores e práticas culturais. Deste modo, apresento os dados da segunda rodeira entrevistada.

O nome da senhora? Eudézia Costa Dias. A idade? Cinquenta e oito. Escolaridade? estudou até que série? Até o primeiro. É natural daqui mesmo? Não, da onde? É natural de Novo Alegre, antes era Goiás né. Estado civil da senhora? Casada, solteira?

Casada e bem casada. Tem filhos? Tenho três. A senhora se considera quilombola? Às vezes sim e aí ficou duas respostas. E tem que ser uma só, né? Exatamente. Então por um lado eu considero. Desde quando a senhora vive aqui? É de mil novecentos e oitenta e dois. Para senhora o que é ser quilombola? Ser quilombola pra mim é uma, uma assim que é um na cultura é tradição são pessoas migrantes né, e aqui né segundo que eu vejo falar o pessoal veio da chapada dos negros é era descendentes de negros, né, que antes o povo nem queria que falasse negro né, mas a realidade é essa né, e os negro. E aí e ficou aquela mistura dos negros, dos índio e segue a tradição e hoje passou, hoje é um conhecido como quilombola. Que é antes a gente não conhecia que isso fosse realmente que nós éramos quilombola. Nós era considerados negros e correr atrás dos direitos perdidos.

Dessa forma, a Eudézia explica que ser quilombola e a “cultura e tradição e ressalta que antes não conhecia com quilombola, mas só como pessoas negras e disse para seguir atrás dos direitos perdidos”. Assim, Leite (2000) salienta que, a compreensão desse contexto se reconhece quando consideramos a ideia de quilombo como uma estrutura organizacional, um meio de resistência, um espaço conquistado e preservado ao longo das gerações. Atualmente, para essa parte da sociedade brasileira, o termo quilombo representa principalmente um direito a ser reconhecido, indo além de ser meramente uma lembrança do passado. Isso inaugura uma nova demanda na política nacional, envolvendo afrodescendentes, partidos políticos, cientistas e militantes na definição do que constitui um quilombo e quem são os quilombolas. Portanto, a terceira rodeira e sua identificação e seu pertencimento na comunidade.

Nome da senhora? Valcy Antônio Dias. A idade? É sessenta e oito. Estudou até que série? Até o terceiro ano. Naturalidade senhora é da onde? É comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Estado civil da senhora solteira, casada? Solteira. Tem quantos filhos? Tenho sete. Você se considera quilombola? Considero. Desde quando a senhora vive na comunidade? Uai desde quando eu nasci né, já conheci lá como quilombola. Já estou com esses anos aí mas considero quilombola toda a vida. Para senhora o que é ser quilombola? eu considero ser pessoa assim igualzinha né, é eu considero muito né, pela assim a cor da gente, o lugar, sabe, eu considero muito bom ser quilombola, eu considero, né.

Sendo assim, quando a Valcy fala que se considera ser quilombola “pela cor e o lugar”, Teske (2018) enfatiza que a comunidade da Lagoa da Pedra enfrentou discriminação e preconceito, sendo negligenciada pelo governo e privada de direitos básicos. Apesar disso, destaca-se por preservar sua história e cultura de maneira singular.

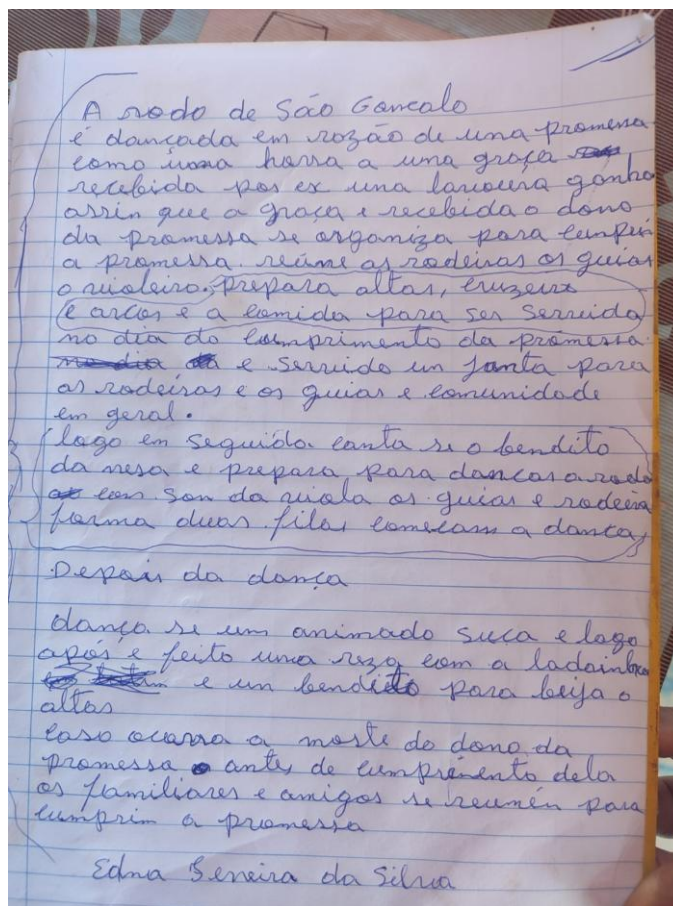
4.3 Percepção das Rodeiras sobre a importância da tradição e História Oral para a identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra

Apresento nesse tópico a percepção das entrevistadas sobre a manifestação da Roda de São Gonçalo e a importância da História Oral. Vale ressaltar que para Teske (2018), na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, por muito tempo, a tradição cultural era transmitida oralmente, pois suas histórias, costumes, festas, práticas e conhecimentos não eram registrados por escrito ou em imagens fotográficas. Apesar de algumas adaptações ao reinterpretar suas expressões culturais, é notável que a comunidade mantém suas raízes religiosas em praticamente todas as suas manifestações, mesmo quando combinadas com tradições católicas herdadas dos ancestrais africanos. Diante disso, mostro a entrevista realizada com a rodeira Edna Ferreira da Silva.

É a senhora sabe como é que surgiu a roda de São Gonçalo aqui no Lagoa da Pedra? Foi através das promessas, né. Pessoal vai fazer a promessa aí dançava a roda, e a senhora se lembra da primeira vez que assistiu uma? Desde de criança que minha mãe dançava aí eu assisti e ia junto com ela né. E quando a senhora participou pela primeira vez? Você fala assim pra dançar? Pra dançar. Pra dançar eu tinha dezesseis anos. E como foi? A senhora gostou? Gostei. Muito bom, quando eu dancei a primeira roda. E quem foi que ensinou pra senhora? Minha mãe. A senhora já explicou ou já falou pra alguém? Já. E quando vem assim quem são as pessoas que são interessadas em saber ou em aprender a dançar? Quem são as pessoas? Uai tem umas vizinhas aqui né, as filhas de umas vizinhas que é interessada a aprender e quando a senhora dança sabe o porquê ou só por causa da promessa mesmo? É por causa da promessa. Só por causa da promessa? Por causa das promessas. E há quanto tempo assim a total a senhora dança? Já tem muitos anos, é dezesseis anos pra cá até e eu estou com cinquenta e seis né, já tem muito tempo.

Dessa forma, com o relato da primeira entrevistada é notório a importância da História Oral. Grele (1995) apud Freitas (2006) salienta que as histórias sempre foram contadas oralmente, passando de geração em geração. Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos, e até os mais tagarelas para ouvidos curiosos; cada um contribuindo de sua maneira para relatar eventos passados, interpretá-los, atribuir-lhes significado e preservar a memória coletiva. A seguir, na figura 12, apresento a caracterização da Roda de São Gonçalo feita por Edna Ferreira.

Figura 13 - Caracterização da Roda de São Gonçalo



Fonte: Autoria própria (2023).

Dessa maneira, apresento a entrevista da Eudézia Costa Dias.

Sabe como surgiu a roda de São Gonçalo aqui na Lagoa da Pedra? Aqui na Lagoa da Pedra e eu não sei. Que quando eu cheguei pra aqui o povo já dançava a roda. E eu tomei já dançava roda né. E eu sei que a primeira roda que eu dancei eu tinha doze anos. E foi quem me ensinou foi uma senhora Maria José Aries Costa e conhecida como pequena. Hoje ela é evangélica né, aí mora lá na Bertioga a primeira roda que eu dancei foi mais Maria Dias. A senhora lembra quando foi? A primeira vez que dançou? A primeira vez que eu dancei a roda e eu só lembro que eu tinha doze ano. A data do mês aí por aí assim e do ano eu não lembro. Agora já a segunda, eu dancei e já assim por dançar mesmo porque a primeira roda que eu dancei foi cobrir na vaga. Faltou uma rodeira e me colocaram pra fazer par. Aí a segunda roda foi no mês de agosto no Santiago de Dona Josina e eu dancei uma Maria Dias. A senhora já explicou, já ensinou sobre a roda de São Gonçalo? Já para muitas pessoas.

Diante deste relato, percebe a relevância da tradição oral, Santos (2015) destaca que as práticas orais tem uma contribuição importante para comunidades e sociedade, abrangendo a coleta de relatos e testemunhos sobre experiências individuais e coletivas. Isso inclui a captura detalhada da vida cotidiana, proporcionando uma visão mais abrangente e diversificada do passado. Portanto, apresento as perguntas e respostas da rodeira Eudézia.

Quem são essas pessoas que tem interesse em saber sobre essa tradição? Uai minha filha, é muitos é agente fala assim, tem muitas pessoas. Aí você quer dizer que tem interesse de agora pra frente ou as pessoas que vieram me entrevistar. Das que vieram te entrevistar, das que tem interesse em dançar. Eu nem lembro mais quantas pessoas. Mas muitas pessoas da Canabrava veio aqui e daqui da Lagoa da Pedra. Por que a senhora dança roda de São Gonçalo? E eu danço assim porque a roda de São Gonçalo ela é uma religião. Hoje ele transformou muita tipo assim brincadeira. A gente já foi apresentar em vários lugar mas só ali pra representar sem objetivo de fé. É um objetivo só de mostrar como é a roda de São Gonçalo né, mas a roda de São Gonçalo ela é muito fundamental ela é um ato religioso e a pessoa tem que ter fé. Muita das vezes a pessoa, os lavradores planta roça aí tá fazendo sol aí fala assim, é em São Gonçalo, num deixa a roça perder, né? Aí depois pensa que não o mantimento ganha. Outra hora as pessoas doesse faz aquele voto, se eu alcançar a saúde vou dançar a roda de São Gonçalo, então ele é um santo poderoso é um ato religioso. Há quanto tempo a senhora dança? Tem tempo demais 48 anos que danço roda.

Deste modo, quando a Eudézia fala que “hoje se transformou em uma brincadeira. A gente já foi apresentar em vários lugar, mas só ali pra representar sem objetivo de fé”. Compreender que a roda de São Gonçalo vai muito além de uma simples dança, é um momento na qual as pessoas tem muita fé. Teske (2013) evidencia que na comunidade, a Roda de São Gonçalo ocorre apenas quando alguém quer cumprir uma promessa, geralmente relacionada à falta de chuva ou doença.

Conforme Santos (2015) afirma, que valorizar a preservação dos locais de memória fortalece a identidade local, destacando o que foi significativo em determinado momento histórico. Manter o patrimônio deve ser uma prática educativa para benefício das gerações futuras, transmitindo valores e significados que cultivarão um sentido de pertencimento, seja por meio das experiências individuais ou coletivas dos que passaram por lá. Posto isto, destaco a entrevista feita com a Valcy Antônio Dias.

A senhora sabe como é que surgiu a roda de São Gonçalo na Lagoa da Pedra? São Gonçalo é assim. É uma promessa que a gente faz né, quando às vezes que nem agora mesmo que tá demorando chover né, que a gente faz a gente pede com o senhor de São Gonçalo a gente só não tem a imagem dele, pra nós mandar chuva né pra gente ganhar roça aí a gente faz uma promessa. Aí a gente tem de cumprir essa promessa. Inclusive uma vez mesmo estava sem chover. A tia minha fez a promessa, o meu senhor São Gonçalo, manda chuva pra nós se chover de hoje pra amanhã nós vamos cumprir essa promessa. Então inclusive uma tia minha fez e a promessa não foi feita nem com aqueles arcos não, foi com ramos sabe, e como de fato esse dia que ela fez a promessa esse dia choveu, por isso que a gente considera né, essa tradição, e choveu, terminamos a roda com chuva, e quem me ensinou foi a tia minha, que é irmã de mãe que ensinou eu dançar essa roda de São Gonçalo eu aprendi e inclusive agora mesmo teve essa roda de São Gonçalo eu não dancei porque já estou em certas idades né e não dei conta de dançar mas fui lá e quero passar pra essas menina minha pra mode elas aprender, né que é de mãe pra filho, né por acaso o dia que eu for, aí elas já sabem, mas é muito bonito, é uma tradição que a gente não pode lagar, sabe, não pode não pode deixar de jeito nenhum, a senhora lembra da primeira vez que participou de uma roda de São Gonçalo? Moça eu já participei foi de um bando sabe, eu não estou nem lembrada mais, a primeira roda de São Gonçalo que eu participei foi essa de dessa promessa que a que a tia fez, eu aprendi dessa vez. A senhora lembra quantos anos a

tinha? Moço, eu acho que eu tinha mais ou menos uns onze anos é mais ou menos uns onze anos que eu tinha eu aprendi, aprendi até mais uma madrinha minha que é a mãe de comadre Rosa, e desse tempo pra cá eu venho dançando direto.

Em vista disto, entende que a Tradição Oral, tem um valor muito grande, principalmente nos depoimentos e acontecimentos que já ocorreram com a rodeira Valcy, pois em cada respostas, é notável que ela mantém a memória viva e conta com detalhes os conhecimentos e experiências aprendida, permitindo que as gerações futuras tem acesso a esses ensinamentos. E Freitas (2006) salienta que historiadores ao redor do mundo adotaram amplamente a História Oral, especialmente em pesquisas. Essa prática possibilita que pesquisadores obtenham relatos diretos, capturando detalhes, emoções e perspectivas que podem não estar presentes em documentos escritos convencionais. Quando pergunto a Valcy se já explicou ou já ensinou pra alguém sobre a roda de São Gonçalo? Ela diz que

Já e a única coisa que eu quero explicar, mas é pra essas menina minha, pra mode aprender a dançar que é muito bonito. E quando faz essa promessa aí já manda chamar a pessoa, pra dançar, né mas eu nunca ensinei ainda não. Por que a senhora dança a roda em São Gonçalo? É porque a gente tem a fé, nela no santo né, é um santo milagroso né e a gente tem aquela fé que aquela promessa que você faz você tem fé, que vai acontecer aqui né, então a fé da gente é pura né, se você tem fé naquele santo ali cê tem que cumprir aquilo ali, né.

Dessa forma, a Valcy tem vontade de passar essa tradição adiante, especialmente para suas filhas e reforçando que a roda de São Gonçalo é um ato de muita fé. Assim, Rabelo e Interaminense (2016) destaca que a cultura popular desempenha um papel crucial nas comunidades, mantendo viva sua história e tradições. Isso fortalece a conexão com a identidade única da comunidade, resistindo a influências externas prejudiciais. Além disso, determina a união entre as pessoas e transmite conhecimentos essenciais de uma geração para outra.

De acordo com Santos (2015), os relatos orais são uma fonte valiosa para pesquisadores, historiadores e estudiosos, proporcionando percepção únicas sobre a vida das pessoas. A prática da História Oral, centrada na habilidade de ouvir, enriquece a compreensão acadêmica de períodos e eventos históricos específicos. Além disso, ao permitir que as comunidades compartilhem suas histórias, ela empodera as pessoas, promovendo o sentimento de valorização e reconhecimento. Isso contribui para fortalecer a identidade cultural, desenvolvendo uma consciência histórica mais profunda e uma compreensão ampliada da própria identidade e papel na sociedade, potencialmente estimulando uma cidadania mais ativa.

A seguir serão apresentadas as últimas perguntas da entrevista feita para as rodeiras.

Pergunta 1: A senhora acha que a roda de São Gonçalo pode deixar de existir?

Edna: Não acho que não. Não pode desistir não, tem que continuar né.

Eudézia: Não, ela não pode deixar.

Valcy: Não pode deixar de existir, é um santo milagroso.

Pergunta 2: Como a comunidade colabora para que essa tradição não deixe de existir?

Edna: Uai todo mundo ajuda né.

Eudézia: Ué tá dançando todo ano, inclusive eu tava conversando com Rosana, aí nos tava fazendo um projeto, que a gente quer que essas moças mais novas aprenda, porque as idosas num guenta mais né.

Valcy: Assim tem de às vezes né conversar falar olha conversar com a gente ou com as outras pessoas olha nós não pode deixar essa tradição acabar, né aí junta todo mundo, né, se tiver promessa pra fazer.

Pergunta 3: A senhora acha que a escola ou até mesmo a universidade pode ajudar a manter essa tradição?

Edna: Eu acho que sim.

Eudézia: Pode sim, a tempos já deveria ta ajudando porque ta acabado mesmo.

Valcy: Eu acho e se pudesse ajudar era melhor, para não deixar em vão.

Desta maneira, na primeira pergunta as entrevistadas deixam claro que a tradição da roda de São Gonçalo não deve deixar de existir. Na segunda pergunta, percebemos nas respostas das mulheres que as pessoas da comunidade têm a característica de sempre estarem ajudando uns aos outros quando tem essas manifestações culturais. Por fim, na terceira pergunta fica evidente que a escola e até mesmo a universidade podem apoiar na preservação desta tradição.

Sendo assim, Teske (2013) reforça que num mundo moderno que desconhece a cultura como algo essencial, é crucial repensar e promover um modelo de desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Isso implica considerar a diversidade cultural como parte fundamental do processo, destacando a necessidade de integrar a cultura de maneira mais significativa nas abordagens de desenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi conhecer os limites e possibilidades da história oral na preservação da tradição da Roda de São Gonçalo na construção da identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Para atingir os objetivos foi realizada a pesquisa bibliográfica, documental e de campo, para explorar a produção de saberes relacionados a esse domínio de estudo. Além disso, foi realizada a entrevista com 03 mulheres que participam da Roda de São Gonçalo da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

Dessa forma, articulando o estudo bibliográfico com as respostas coletas na entrevista, foi possível entender como a história oral contribui na preservação da tradição da Roda de São Gonçalo, pois essa manifestação cultural é fortemente mantida pela tradição oral que auxilia na construção da identidade cultural. O que ajudou muito para que essa pesquisa tivesse sucesso, foi o fato de eu fazer parte da comunidade desde do meu nascimento. Essa relação gerou confiança, facilitando diálogos abertos e revelação de opiniões que geralmente são mantidas internamente. A confiança mútua resultou em gravações de diálogos naturais, proporcionando informações valiosas que enriqueceram a análise do tema proposto.

Também percebi que por meio dos depoimentos das entrevistadas o quanto a tradição oral é essencial para a identidade cultural da comunidade. As mulheres, nas suas respostas, afirmam que essa tradição é passada de geração em geração, oferecendo uma chance para as gerações mais jovens aprenderem com o passado, apreciarem suas origens e se vincularem à herança histórica. Acredito que a história oral colabora muito com a valorização da comunidade quilombola, e ajuda a preservar as histórias, costumes, manifestações culturais e religiosas, os fazeres e saberes que são transmitidos de forma oral.

Vale ressaltar, que as entrevistadas têm vontade de manter a tradição da Roda de São Gonçalo na comunidade, para que não deixe de existir, mas é necessário que os jovens da comunidade tenham interesse em aprender sobre a tradição, porque as mulheres vão envelhecendo e não conseguem dançar e na falta dessas ancestrais é preciso ter pessoas para passar esses conhecimentos às gerações futuras. Manter essa tradição enfrenta limites, pois os jovens não mostram interesse em aprender, as tecnologias os distraem, e há uma falta de transmissão de conhecimento entre gerações e da comunidade para decidir sobre questões que afetam suas manifestações culturais. Mesmo com as mudanças no mundo e as tecnologias facilitando o acesso às informações, a comunidade fortalece a identidade cultural por meio da tradição oral. Assim, para que essa manifestação cultural se mantenha viva é fundamental a ajuda de todos, sejam das pessoas da comunidade ou de fora dela. Com isso, é preciso modificar a perspectiva e observar nas comunidades quilombolas, ou em qualquer outra considerada tradicional, para perceber as riquezas culturais e patrimônios que precisam ser preservados.

Por fim, destaco que o tema abordado neste trabalho é amplo demais para ser totalmente explorado aqui. A pesquisa atual é apenas uma parcela desse assunto. Para uma compreensão mais completa, é fundamental investir mais tempo e explorar o assunto em maior profundidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1998. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Título X. Ato das disposições constitucionais transitórias. Art. 68; Art. 215 e Art. 216. Disponível em: <https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, da Presidência da República. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 24 mai. 2023.
- BRASIL. LEI Nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 24 mai. 2023.
- CAMPOS, Juliana Loureiro de Almeida; SILVA, Taline Cristina da Silva; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar. Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia. Recife: Nupeea, p. 95-112, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Campos-7/publication/351492815_Observacao_Participante_e_Diario_de_Campo_quando_utilizar_e_como_analisar/links/609a9c1d299bf1ad8d937f5c/Observacao-Participante-e-Diario-de-Campo-quando-utilizar-e-como-analisar.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.
- CARVALHO, Leonam Maxney. História Oral, Territorialidades e Identidades Quilombolas: Furquim, Mariana, Minas Gerais. **Faces da História**, Assis-SP, v. 6, n. 1, p. 39-61, jan.-jun., 2019.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 141 p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Vol. IV (2), 2000, p. 333-354. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.
- MINAYO, Maria Cecília (Org.); DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.
- RABELO, Cleison Luis; INTERAMINENSE, Geisa Maciel. Cultura Popular: definição e surgimento como campo de estudo a pesquisa - uma discussão atual. **Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, n. 2, p. 33-40, out. 2016. Disponível em: <https://www.frjaltosanto.edu.br/site/wp-content/uploads/2016/03/04-Artigo-CULTURA-POPULAR.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. Memória e História: contributos da história oral para a preservação da cultural. **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, SC, p. 1-9, jul. 2015.

TESKE, Wolfgang. Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias (TO) e seu patrimonio imaterial. **Revista Mosaico**, v. 6, n. 1, p. 65-76, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2746>. Acesso em: 05 out. 2023.

TESKE, Wolfgang. **Identidade Quilombola, Mineração e Novas Tecnologias**: uma análise folkcomunicação da Comunidade Lagoa da Pedra, Arraias-TO. 2018. Tese (Natureza, Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Palmas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1008>. Acesso em: 17 mai. 2023.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, v. 5, 2002. p. 9-98. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 23 abr. 2023.

XAVIER, Antônio Roberto et al. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>. Acesso em: 13 mai. 2023.

ANEXO

Perguntas feitas na entrevista.

Perfil da entrevistada

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Naturalidade:

Estado civil:

Tem filhos e quantos?

Pertencimento à comunidade

Você se considera quilombola?

Desde de quando você vive aqui?

Para você o que é ser quilombola?

Sobre a roda de São Gonçalo (tradição oral)

Você sabe como surgiu a roda de São Gonçalo aqui na Lagoa da Pedra?

Você se lembra da primeira vez que assistiu/ participou da roda?

Como foi?

Quantos anos você tinha?

Quem te ensinou sobre a roda?

Você já ensinou/ explicou sobre a roda?

Quem são as pessoas interessadas em conhecer essa tradição?

Porque você dança a roda?

Há quanto tempo?

Você acha que a roda de São Gonçalo pode deixar de existir? Por que?

Como a comunidade/ você colabora para que essa tradição continue a existir na Lagoa da Pedra?

Você acha que a escola ou até mesmo a universidade pode ajudar a manter essa tradição?